

A Grande Guerra em África (1914-1918): Relatório de uma Comissão de Inquérito Realizada à 4.^a Expedição a Moçambique, Comandada pelo Coronel Tomás de Sousa Rosa

José Luís Assis

Doutor em História pela Universidade de Évora. É investigador integrado do Instituto de História Contemporânea – Grupo Ciência – CEHFCi da UE.

Resumo

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) levou Portugal a bater-se em duas frentes de batalha, em Angola e Moçambique em 1914 – a frente africana – e na europeia em 1917 – na Flandres. Para Moçambique foram enviadas quatro expedições; a 4.^a, naquela data, para reforço da 3.^a que teve como comandante o Coronel de Cavalaria Tomás de Sousa Rosa. A Expedição não decorreu como previsto – aliás como as anteriores – e foi nomeada uma comissão de inquérito para apurar as razões do seu insucesso. O estudo é o resultado de uma investigação centrada no *Relatório de uma Comissão de Inquérito realizada à 4.^a Expedição a Moçambique sob o comando do Coronel Tomás de Sousa Rosa*. Nele incidimos particularmente na situação tática em que foi assumida o comando das forças, na organização e estado sanitário das mesmas, nas circunstâncias que determinaram as operações em Negomano, nos combates de Namacurra e operações em Quelimane.

Abstract

The Great War in Africa (1914-1918): a Commission of Inquiry Report to the 4th Expeditionary Force to Mozambique, Commanded by Colonel Tomás de Sousa Rosa

The article is the result of a research focused on the Commission Inquiry Report to the 4th Expeditionary Force to Mozambique under the command of Colonel Tomás de Sousa Rosa. The report addresses particularly the tactical situation when he assumed the command of the forces, its organization and health status and the circumstances that led to the operations in Negomano, Namacurra and Quelimane.

Introdução

A Primeira Grande Guerra (1914-1918) deixou as suas marcas em todos os domínios da sociedade contemporânea: do económico ao social; do técnico ao científico; da política interna à externa (Teixeira, 2004, p. 15). Em Portugal esses traços reflectiram-se na sociedade e deixaram marcas na historiografia portuguesa. Na entrada de Portugal na Guerra ao lado dos Aliados, vários fatores – o económico, o social, o político, a integridade colonial e a posição internacional – foram considerados e pesaram nessa tomada de decisão. Portugal bateu-se nas chancelarias e depois nas frentes de batalha: na frente africana, Angola e Moçambique, a partir de 1914; e na frente europeia, Flandres, de 1917.

Se a intervenção portuguesa no teatro colonial foi pacífica e mereceu o consenso das forças políticas e o apoio da opinião pública, no teatro europeu foi objeto de polémica e abriu clivagens na sociedade e vida política portuguesas (Teixeira, 2004, p. 15). Essas clivagens centraram-se em redor de três grandes problemáticas; a entrada de Portugal na guerra; a conduta e o esforço de guerra; o balanço da situação nacional depois do conflito. Apesar das fraturas ocorridas na sociedade portuguesa a que não foi indiferente o novo sistema político, a questão colonial permaneceu sempre como consenso, “na memória colectiva primeiro, e na historiografia, depois. Nunca, no debate político e na polémica historiográfica, se questionou esse objetivo nacional que foi a manutenção da integridade colonial do país” (Teixeira, 2004, p. 15). Talvez por esse motivo a historiografia não tenha sido fértil no estudo das colónias no contexto da Grande Guerra (Oliveira, 1993, pp. 193-236).

Análise do Relatório

A 18 de Agosto de 1914, a presença de forças alemãs nas proximidades da fronteira de Moçambique levou à constituição de uma expedição àquela colónia. A expedição teve como objectivo fazer face a possíveis ataques alemães e prevenir a revolta dos nativos (Oliveira, 1994, p. 220). Além desta, foram formadas mais três expedições: a segunda que embarcou em outubro de 1915 teve como comandante o Major de Artilharia José Luís de Moura Mendes (1861-1918)¹; a terceira para reforço da segunda, foi organizada a partir de um decreto de 25 de maio de 1916 e teve no comando o General José César Ferreira Gil (1858-1922)²; a quarta foi mobilizada para reforço da terceira e o seu embarque ocorreu escalonado de julho a outubro de 1917, sob o comando do Coronel de Cavalaria Tomás de Sousa Rosa (1867-1929) (Oliveira, 1994, p. 221).

A 12 de setembro, Sousa Rosa chegou a Mocímboa da Praia e assumiu o comando das forças expedicionárias, dando início à campanha no norte de Moçambique que

1 Ordem do Exército n.º 15, 1.ª Série, de 18 de Setembro de 1915.

2 Ordem do Exército n.º 11, 1.ª Série, de 30 de Maio de 1916.

as tropas alemãs aquarteladas no Tanganica (Tanzânia) ameaçavam invadir a todo o momento (Pereira, 2008, p. 207) A campanha foi marcada por diversas ações militares: o combate de Negomano a 25 de novembro de 1917; a defesa da serra Mecula entre os dias 3 e 8 de dezembro; o combate de Namacurra ocorrido nos dias 1, 2 e 3 de julho de 1918.

A expedição não decorreu como previsto e o Coronel Sousa Rosa pediu exoneração do cargo a 9 de julho de 1918 e no mês seguinte regressou a Lisboa. É neste campo menos conhecido da historiografia portuguesa e tendo por alicerce o *Relatório da Comissão de Inquérito à 4.ª Expedição a Moçambique* que procuraremos analisar as condições em que o General Sousa Rosa assumiu o comando da missão e as causas do seu insucesso.

A 19 de setembro de 1923, por despacho do Ministro da Guerra António Maria da Silva (1872-1950) foi nomeada uma comissão de inquérito formada pelos Generais José Rodrigues Lopes de Mendonça e Matos (1859-1935)³, João Pereira Bastos (1865-1951)⁴ e Roberto da Cunha Baptista (1874-1932)⁵.

3 Frequentou a Escola Politécnica e a Escola do Exército onde, em 1881, terminou o curso de Artilharia. A 20 de janeiro de 1910 foi promovido a Tenente-Coronel e nomeado vogal da comissão responsável por estudar as espoletas universais *Systema Ehrardt* e o emprego do trinitro-totuleno no carregamento das granadas explosivas. A 20 de janeiro de 1912 ascendeu a Coronel e a 14 de dezembro foi nomeado Inspetor dos Monumentos Nacionais. A 18 de março de 1916 assumiu o comando da 2.ª Divisão do Exército. Passou à situação de reserva a 30 de abril de 1927 e dois anos depois à situação de reforma (Pereira da Costa, 2008, pp. 159-161).

4 A 11 de outubro de 1882 ingressou no Regimento de Infantaria n.º 16 e depois completou o curso da Arma de Artilharia. A 15 de outubro de 1910 foi nomeado vogal da comissão destinada a proceder à reorganização do Exército e da comissão destinada a propor as alterações à organização do Arsenal do Exército. Ocupou o cargo de Ministro da Guerra entre 9 de janeiro de 1913 e 9 de fevereiro de 1914. A 23 de março de 1917, fez parte da *Comissão Central de Propaganda e Orientação da Instrução Militar Preparatória* (Pereira da Costa, 2008, pp. 252-254).

5 Realizou os estudos preparatórios para a Arma de Artilharia na Escola Politécnica e concluiu o curso da mesma Arma na Escola do Exército. Em janeiro de 1900 foi mobilizado para a Província de Moçambique e em Abril do mesmo ano desembarcou em Lourenço Marques e foi deslocado para as regiões da fronteira sul e ocidental durante a Guerra Anglo-Bóer. Em agosto de 1908 foi promovido a capitão e no ano seguinte eleito deputado pelo Partido Regenerador Liberal. Entre janeiro de 1913 e fevereiro de 1914 desempenhou o cargo de chefe de gabinete do Ministro da Guerra, Coronel João Pereira Bastos, sendo promovido a major em dezembro de 1914. A 27 de dezembro de 1916 embarcou para França onde foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Corpo Expedicionário Português (Oliveira, 1994, p. 58). Em França ascendeu a Tenente-Coronel a 31 de março e a Coronel a 7 de setembro. A 25 de agosto de 1922, alcançou o posto de General e passou a comandante da 1.ª Divisão do Exército, cargo que exerceu até junho de 1924. A 14 de março de 1925, exerceu o cargo de Quartel-Mestre General e em maio seguinte o de presidente da comissão encarregada de estudar os estabelecimentos fabris dependentes do Ministério da Guerra que deveriam ser industrializados e propor as bases para a sua industrialização. Ainda neste último ano, entre 21 de abril e 18 de agosto, desempenhou

A comissão entendeu debruçar-se sobre os pontos constantes do relatório: 1. Considerações prévias; 2. Negomano – transferência do Quartel-General da Expedição de Chomba para Nacaturra; 3. Disposições tomadas pelo comandante da Expedição depois do combate de Negomano – organização e operação da coluna móvel; 4. O General Van-Deventer⁶ assumiu o Comando Superior das forças Anglo-Portuguesas – a coluna de Muirite é mandada retirar; 5. Organização e operações da coluna móvel; 6. Namacurra – os alemães depois de terem atravessado o Lúrio, entram no distrito de Quelimane continuando a sua retirada para sul; 7. Quelimane, 20 de junho de 1918, Diretiva para a coluna de operações a Quelimane; Conclusão final.

Nas considerações prévias a Comissão deu atenção à situação em que o Coronel Sousa Rosa assumiu o comando das forças a 12 de setembro de 1917, bem como às tropas da expedição, concentradas entre a foz do Rio Rovuma e Nangadi.

A Comissão apreciou o relatório elaborado pelo Coronel Sousa Rosa na província de Moçambique e a correspondência trocada entre ele, o General Van Deventer, o Governador-geral da Província e o Governo Central em Lisboa e a ata das conferências realizadas em Chomba, nos dias 14 e 15 de outubro de 1917.

No que respeita a Negomano – transferência do Quartel-General da Expedição de Chomba para Nacaturra, a Comissão na procura das causas que estiveram na origem do revés do combate de 25 de novembro de 1917, analisou a situação das forças, particularmente, das colunas de Negomano e os núcleos concentrados em Chomba e Matchemba. Deu atenção às movimentações das forças alemãs sob o comando de Paul Emil von Letton-Vorbeck (1870-1964)⁷.

o cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército em substituição do General Artur Ivens Ferraz (1870-1933). Pelo seu desempenho na Primeira Grande Guerra foi agraciado pelo rei de Inglaterra com as insígnias de *Commander of Saint Michael and Saint George* e pelo governo da República Francesa com os graus de *Oficial e de Comendador da Legião de Honra* (Pereira da Costa, 2008, pp. 254-257).

6 O Tenente-General Jacob Louis Van Deventer (1874-1922) foi um comandante militar sul-africano. Nasceu em Ficksburgo no Estado Livre de Orange e faleceu em Pretória. Em 1896 iniciou a sua carreira militar nas forças republicanas do Transval, Pretória e combateu na Guerra Anglo-Bóer (1899-1902), na qual um ferimento grave lhe afectou a capacidade de falar. Na Grande Guerra retornou ao serviço e ordenou a formação das forças de Defesa da União na campanha alemã do Sudoeste Africano. Na campanha da África Oriental Alemã (1916-1918), comandou uma força expedicionária sul-africana e depois em 1917 e 1918 todas as forças imperiais britânicas na África Oriental (Samson, 2016).

7 Nasceu em 1870 no seio de uma família aristocrática militar. Era um oficial ambicioso, corajoso, de sangue frio, de uma saúde férrea e uma resistência física capaz de suportar as piores aspezes de uma campanha bastante desgastante como foi a da África Tropical durante a Primeira Grande Guerra. Logo no início da sua carreira académica demonstrou que iria ter uma ascensão rápida no oficialato alemão. Pertenceu ao Corpo de cadetes da Prússia antes de ingressar

Quanto às disposições tomadas pelo comandante da expedição depois do combate de Negomano a Comissão direcionou a sua atenção para o deslocamento das tropas alemãs a partir da sua entrada em território português avançando para montante de Lugenda para conseguir víveres, escapando à ação das tropas britânicas do General Van Deventer. Ocupa-se da maneira como foram distribuídas as forças em Muirite, Chomba, Nacature, Quissanga e Mocímbo da Praia e da polémica retirada e das tropas portuguesas de Porto Amélia para que as britânicas tivessem um livre acesso ao porto. Esta situação impediu a cooperação entre as forças portuguesas e as aliadas e contribuiu para que as tropas britânicas pudessem dispor de uma região com excelentes linhas de penetração enquanto as portuguesas foram deslocadas para uma região insalubre e estéril com linhas de penetração muito limitadas:

“As tropas britânicas ficavam dispostas de uma região com magníficas linhas de penetração, e as nossas operando em região insaluberrima e esteril, com linhas de comunicação só transitáveis por automoveis até limitados pontos, e onde a devastadora tsé-tsé destruía, implacavelmente, o gado cavalariço e mular. As dificuldades havidas no futuro farão ver este grave erro.” (Mattos, Bastos, Baptista, 1923)⁸.

No que refere ao ponto em que o General Deventer assumiu o Comando Superior das Forças Anglo-Portuguesas – a Comissão debruçou-se sobre a reunião ocorrida em Dar-es-Salam a 29 de Janeiro de 1918 onde Sousa Rosa não pode estar presente. A 8 de fevereiro, Sousa Rosa teve conhecimento do conteúdo da ata e entendeu por bem que, “com o fim de ressaltar a sua responsabilidade”, que no n.º 2 da mesma fossem aditadas algumas observações:

“Eram bastante necessárias essas observações, apresentadas ao General Van-Deventer, na conferência realizada, em 8 de Fevereiro, a bordo do transporte inglês ‘Lunka’, para que no futuro não lhe pudesse ser atribuída a responsabilidade da falta da ofen-

num dos mais prestigiados Regimentos da Guarda de Berlim. Em 1895 superou as provas e entrou na *Kriegsakademie* – Academia de Guerra – que era um pré-requisito para uma carreira no Estado-Maior Geral da Prússia. No Verão de 1900, Vorbeck voluntariou-se para os *Ostasiatisches Expeditionskorps* (*German East Asian Expedition Corps*), uma força internacional colonialista – Aliança das Oito Nações – Rússia, Estados Unidos, Reino Unido, Terceira República Francesa, Japão, Império Alemão, Áustria-Hungria e Reino de Itália na contenção da revolta dos Boxers na China. Durante as guerras Herero e Nama (1904-1905) no Sudoeste Africano foi adjunto do Comandante-em-Chefe das forças alemãs, Tenente-General Adrian Dietrich Lothar von Trotha (1848-1920). Depois dos atos brutais cometidos por Trotha sobre os Hereros derrotados, Vorbeck foi reconhecido como um oficial distinto da Infantaria Montada na campanha contra os Nama. As campanhas da China e no Sudoeste Africano levaram-no ao comando do 2.º Batalhão Naval em Wilhelmshaven (Eckard, 2016).

8 “O General Van-Deventer assume o Comando Superior das Forças Anglo-Portuguesas, a Coluna de Muirite é mandada retirar”, *Relatório de uma comissão de oficiais gerais do Inquérito referente às acusações feitas ao General Tomás de Sousa Rosa enquanto comandante da Expedição a Moçambique em 1917*, p. 47. Arquivo Histórico Militar, Divisão /2/7/52/60.

siva das nossas tropas, iniciando-se com a travessia do rio Rovuma para o N. e indo no movimento convergente sobre Newala, como projetara fazer em 20 e dias seguintes de Outubro de 1917”⁹.

Num documento daquela importância, Sousa Rosa entendeu que deveria ficar consignado que foi em virtude de ordem do governo português a solicitação do governo inglês que a ação militar das tropas portuguesas se limitou apenas à demonstração de forças a Norte do Rovuma.

A 8 de fevereiro, na conferência realizada em Porto Amélia, o General Deventer voltou a insistir na retirada da coluna de Muirite para Chomba por entender que as unidades aí colocadas não contribuíam para a estratégia das operações.

A 11 de fevereiro, em Mocímboa da Praia, o Coronel Sousa Rosa recebeu do General Deventer a comunicação com o seguinte teor:

“Tenho a honra de avisar-vos oficialmente, em concordância com as instruções do Ministerio da Guerra Britanico e em conformidade 3.^a da minuta da Conferencia havida em Lourenço Marques, em 29 de Janeiro, entre mim e o encarregado do Governo da Provincia, que assumo o Comando das Forças Aliadas, Portuguezas e Inglezas desde esta data”¹⁰.

A 17 de fevereiro foram retirados os géneros e as munições dos depósitos de Muirite e a coluna marchou sobre Nacature. Quanto à organização e operações da coluna móvel a Comissão deu importância à correspondência trocada entre o General Deventer e o Coronel Sousa Rosa:

“N.º 21 – General Van-Deventer manda dizer, quanto a linha Médo-Metarica esteja segura, espera empregar as forças portuguezas na maior capacidade activa e pede para organizar uma coluna movel de 1.000 a 1.200 espingardas com devido complemento de artilharia, ambulância, etc., e transportes. Será organizada com as tropas que se estão na linha Mocimboa da Praia-Chomba e estará pronta a mover-se ou embarcará minima noticia para qualquer ponto ao sul de Porto-Amélia. Mais deseja e mais cedo possivel o que o Coronel Sousa Rosa pode fazer estar constantemente informado do processo da organização da coluna”¹¹.

Num telegrama Sousa Rosa respondeu com o seguinte teor:

“N.º 101, Referencia 24, dadas ordens precisas nomeação 6 companhias cada uma com 2 metralhadoras, e 1 bateria de artilharia. Companhias constituem 2 grupos, sendo Commando Superior confiado tenente-Coronel Salgado. Vou tratar organização serviços, contando breves dias ter coluna organizada. Irei comunicar progresso organização”¹².

9 Idem, p. 51.

10 Idem, p. 52.

11 Idem, p. 53.

12 Idem, p. 54

Essas forças foram concentradas em Elala, Nangala, Nacatura e Mocimboa da Praia. Na análise ao relatório do Coronel Sousa Rosa a Comissão deu atenção ao movimento das forças aliadas sobre Montepuez e à evacuação dos abastecimentos e do material de guerra de Muirite. Destaca as dificuldades sentidas no abastecimento das forças por falta de transportes e carregadores e concluiu que o Coronel Sousa Rosa não teve responsabilidades na demora da organização da coluna móvel, nem na forma como decorreram as operações¹³.

No ponto Namacurra, a Comissão debruçou-se sobre as movimentações das forças de Von-Lettow a partir da transposição do rio Lúrio, quando escapavam à perseguição das forças britânicas com as quais tinha travado vários combates na região de M'Salu, a leste de Mahua. As forças alemãs bivacaram ao longo do rio Malema, afluente do Lúrio, uma das regiões mais férteis e de clima mais salubre e temperado da África Oriental. Von-Lettow, perante o perigo de ser envolvido, iludiu as colunas britânicas que o perseguiram e abandonou aquela região. Marchou sobre o alto Molocué e torneou a serra Namuli-Inagu e as forças inimigas que receava encontrar a barrar-lhe a estrada Malema – Alto Mulocué. A sua guarda avançada alcançou aquele último posto a 14 de junho de 1918 e o grosso do exército dois dias depois. No momento seguinte a Comissão debruçou-se sobre as movimentações do Exército alemão na região a norte da vila de Quelimane onde as forças britânicas comandadas pelo General Van Deventer esperavam esmagá-lo. Nesta região, as tropas alemãs capturaram patrulhas dos aliados e apoderaram-se de subsistências armazenadas e em trânsito à cabeça de carregadores. A 23 de junho, o Capitão Muller apossou-se do grande depósito da Companhia do Lugela e depois de distribuir géneros e roupa aos seus homens lançou fogo aos edifícios (Mattos, Bastos, Baptista, 1923, p. 71). Von Lettow-Vorbeck necessitado de encontrar depósitos de munições e informado da sua existência em “Kokosani”, Namacurra, ordenou a continuação da marcha para Sul¹⁴. A 1 de julho, as forças aliadas, posicionadas na margem esquerda do rio Nhamacurra, foram atacadas de surpresa e no dia 3 derrotadas, ficando os alemães na posse da fábrica de Boror e da estação de caminhos-de-ferro. Apresentada a ideia sumária da deslocação das forças alemãs pelo distrito de Quelimane passou à análise dos documentos. Analisou o relatório do Coronel Sousa Rosa e entendeu terem sido pertinentes e acertadas as suas posições ao considerar a situação do Lúrio idêntica à do Rovuma. No Lúrio, como no Rovuma, em vez das forças do Sul convergirem sobre o inimigo em coordenação com as forças

13 Para um estudo mais aprofundado sobre a logística aconselhamos a leitura de Arrifes (2004, pp. 144-148).

14 Para uma leitura sobre a forma como o Coronel Vorbeck utilizou a tática militar para derrotar as forças britânicas com um maior número de efetivos na Campanha do Leste Africano na Grande Guerra, leia-se Adgie (2001).

do Norte, Leste e Oeste como tinha proposto ao General Deventer, foram forçadas a uma defensiva passiva:

“Agora, como antes, em vez das forças do sul convergirem sobre o inimigo em activa cooperação com as forças do Norte, Leste e Oeste, como eu havia proposto ao Comando em Chefe, limitam-se á defensiva passiva esperando que o inimigo as venha atacar.” (Mattos, Bastos, Baptista, 1923, p. 72).

As tropas alemãs atravessaram o rio Lúrio sem quaisquer dificuldades¹⁵ e aproveitaram-no como obstáculo para retardar a perseguição das colunas inglesas¹⁶. Neste ponto, Quelimane, a 20 de junho de 1918, sobre a diretiva para a coluna de operações a Quelimane, a Comissão começou por analisar a situação e os objetivos das forças inimigas na região de Alto Molocué e a missão das forças sobre o comando do Major Velez Carço. O distrito de Quelimane dispunha apenas de fracas guarnições e as plantações e fábricas estavam sob forte ameaça das razias das patrulhas alemãs. O Coronel Sousa Rosa, sem esperar pelas forças britânicas prometidas pelo General Van Deventer, mandou marchar para norte as tropas desembarcadas em Quelimane e telegrafou ao Ministério das Colónias nos seguintes termos:

“Cheguei hoje Quelimane. Vieram trez companhias seis metralhadoras que marcham imediatamente ocupar testa caminho ferro Mocuba. Vem mais trez companhias indígenas portuguesas. Uma companhia inglesa chega dia 28. Mando Luabo buscar Lindi 2 companhias inglesas. Inimigo mantém-se Alto Mulocué andando em sua perseguição forças portuguesas e inglesas”¹⁷.

No dia 21, o Coronel Sousa Rosa recebeu um telegrama do General Deventer no qual transmitia que o seu objetivo consistia em coagir o inimigo a dar combate entre Alto Molocué e Ille e, no caso de este escapar, forçá-lo a seguir na direção do mar ou para a Zambézia:

“Obrigai o inimigo a dar combate entre Alto Mulocué e Ille; no caso do inimigo escapar, o chefe vae tentar empurrar-o para o mar ou para a Zambézia. As forças de Quelimane tem uma acção muito importante, por esta razão, detendo o avanço do inimigo até que nossas forças em perseguição o alcançarem”¹⁸.

O Coronel Sousa Rosa no seu relatório acha o plano do General Deventer impreciso e considera “tudo deixava prever que, em breve, a ação do inimigo se exerceria fortemente e por surpresa, nalguma direção inesperada como de facto veio a suceder”¹⁹.

15 Ibidem.

16 Idem, p. 73.

17 Idem, p. 81.

18 Idem, p. 82.

19 Ibidem.

A 22, saíram de Mocímboa da Praia para Quelimane a 21.^a e 39.^a Companhias inglesas a que o General Deventer não considerou ser uma boa tática e que as forças portuguesas deviam ter aguardado e não tomar a ofensiva²⁰. A 23, travaram-se combates com a 25.^a Companhia indígena portuguesa sob o comando do Capitão Alpoim, que caíra numa emboscada e foi forçado a retirar, enquanto as forças alemãs se apossavam dos depósitos da Companhia do Lugela²¹.

A Comissão analisou as comunicações expedidas e recebidas pelo Quartel-General do Coronel Sousa Rosa e considerou: o telegrama do General Deventer para o Coronel Sousa Rosa onde aprecia muito desfavoravelmente a ação das tropas portuguesas²²; a explicação do Coronel Sousa Rosa pela forma como se têm passado os factos a que se referia o General Deventer; o pedido de exoneração do comando da expedição pela posição e inferioridade que fora dada às tropas portuguesas pelo comando em chefe²³.

No que observa à ordem de operações em Quelimane a Comissão esmiúça a situação do inimigo e das tropas aliadas. Releva que as informações inglesas que chegavam ao Quartel-General das forças expedicionárias eram “sempre tardias, incompletas e menos exactas”²⁴.

Quanto aos combates de 1, 2 e 3 de julho, a Comissão começa por descrever a localização das infraestruturas mais importantes de Quelimane, os sectores de defesa e as unidades empenhadas. Depois apresenta uma descrição pormenorizada dos combates afirmando que a derrota em Nhamacurra não pode ser atribuída aos portugueses porque eram as forças de *askaris* britânicas os combatentes na primeira linha²⁵. Assinala que não havia a mais pequena informação sobre a aproximação das forças alemãs e que a inexistência de um serviço de segurança montado convenientemente explica a surpresa do dia 1 de julho. Von Lettow-Vorbeck tinha montado um perfeito sistema de espionagem, que era dirigido pelo Engenheiro Spiess de nacionalidade suíça da Companhia de Boro²⁶.

O Coronel Sousa Rosa no dia 1 ordenou que as duas Companhias que estavam em Munhiba comandadas pelo Major Oom do Valle marchassem o mais rápido possível sobre Namacurra. Da vila de Quelimane nenhum reforço foi enviado porque apenas existiam civis e indígenas auxiliares, num efetivo de 200 combatentes improvisados. Foi com estes homens que de acordo com o comando em chefe se estava a preparar a organização da defesa da vila de Quelimane numa frente de

20 Idem, pp. 82-83.

21 Idem, p. 84.

22 Idem, p. 86.

23 Idem, p. 88.

24 Idem, p. 99.

25 Idem, pp. 101-112.

26 Idem, p. 90.

mais de três quilómetros. Enquanto se feriam os combates em Namacurra, em Que-
limane procedia-se aos preparativos defensivos.

Conclusão

A Comissão no relatório concluiu: (1) que o Coronel Sousa Rosa não foi responsável pela atitude defensiva das suas tropas ao longo do Rovuma e que empregou todos os esforços para realizar o projeto de operações que tinha estabelecido; (2) ao Comandante da Expedição não pode ser atribuída a responsabilidade pelo desastre sofrido em Negomano no dia 25 de novembro de 1917 contra as forças alemãs; e (3) que na conferência realizada, a pedido do Coronel Sousa Rosa em Dar-es-Salam, a 8 de junho de 1918, insistiu particularmente com o comandante em chefe das tropas aliadas General Deventer que o futuro papel das forças portuguesas deveria ser mais ativo do que até então tinha sido.

Referências

- Adgie, K. P., 2001. *Askaris, Asymmetry, and Small Wars: Operational Art and the German East African Campaign, 1914-1918*. Fort Leavenworth: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College.
- Anderson, R., 2003. J. C. Smuts and J.I. Van Deventer: South African Commanders-in-Chief of a British Expeditionary Force. *Scientia Militaria South African Journal of Military Studies*, 31(2), pp. 117-141.
- Arrifes, M. F., 2004. *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa. Angola e Moçambique 1914-1918*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional/Edições Cosmos.
- Costa, A. J. P. da (2008). Tomás de Sousa Rosa, General (1867-1929). *Os generais do Exército Português*, Vol. III, Tomo I. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
- Fraga, L. A., 2003. Portugal entre a Europa e as Colónias. In: A. Afonso e C. M. Gomes, coord, *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias pp. 148-154.
- Eckard, M., 2016. Lottow-Vorbeck, Paul van, 1914-1918. *International Encyclopedia of the First World War*. Disponível em http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/lettow-vorbeck_paul_von [consultado em 25 de agosto de 2016].
- Oliveira, A. N. R., 1994. *O Teatro de Guerra Africano. Moçambique*, Vol. III. Lisboa: Estado-maior do Exército, pp. 193-236.
- Ordem do Exército n.º 11, 1.ª Serie, de 30 de Maio de 1916.
- Ordem do Exército n.º 15, 1.ª Serie, de 18 de Setembro de 1915.
- Relatório de uma comissão de oficiais generais do Inquérito referente às acusações feitas ao General Tomás de Sousa Rosa enquanto comandante da Expedição a Moçambique em 1917, Arquivo Histórico Militar, (AHM-DIV/2/7/52/60).

Samson, A., 2016. South Africa and the German East Africa Campaign (Union of South Africa), 1914-1918 [online], *International Encyclopedia of the First world War*. Disponível em http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/south_africa_and_the_german_east_africa_campaign_union_of_south_africa [consultado em 5 de agosto de 2016].

Telo, A. J., 2003. Campanha de Moçambique 1916-1918. In: A. Afonso e C. M. Gomes, coord, *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias, pp. 451-460.